



PELA LIBERDADE

Fazia frio no pequeno vilarejo. As ruas mais vazias que o normal, exceto por um único homem de sobretudo e cabelos negros, que parecia inquieto.

Ele parecia procurar algo, alguém. Frustrado, deixou a praça onde estava e entrou em uma ruela, meio sombria e mal iluminada. Estava nervoso ao passar pelas casas precárias e, subitamente, parou em uma porta. Essa casa, comparada às outras, parecia mais aconchegante e bela. O homem de sobretudo bateu algumas vezes na porta e, em seguida, entrou.

Por dentro, a casa tinha uma aparência ainda melhor do que apresentava, era majestosa. Porém, apesar do ambiente agradável, o cômodo estava cheio de olhos tristes e cheios de antecipação.

O homem de sobretudo, de repente, disse com a voz embargada a todos que estavam até então calados:

— Depois de quatro anos, finalmente acabou. Por que estamos tão tristes?

Um garoto sentado no canto de uma parede respondeu-lhe:

— Como podemos estar felizes se, por mais que a guerra tenha acabado, o povo está em miséria, famílias inconsoláveis com a perda de seus companheiros e a terra destruída? Dizia-se que a guerra seria para o nosso próprio bem, o que deu início à matança, mas eu me pergunto: valeu a pena? Valeu a pena tantas mortes pela tão almejada liberdade? Não. Nossa rebeldia trouxe a guerra, que nos deu a famosa liberdade, mas agora de nada adianta, pois estamos mergulhados até o pescoço em um mundo de tristeza e agonia, dominado pela descrença. Essa tal liberdade vale tanto assim?!

A essa pergunta ninguém jamais soube responder.